

TN 54 – Editorial

PELO FIM DO PODER DAS ARMAS E DO CAPITAL¹

Como uma espécie de *deus ex machina*, as reformas neoliberais e as chamadas “tecnologias digitais” e “inteligências artificiais” são apresentadas como solução para tudo e para todos os males sociais. No atual contexto do capitalismo de acumulação flexível, acompanhado de uma extremada exploração e degradação da vida, mais do que nunca é fundamental desvelar as intencionalidades ideológicas dessa interpretação neofetichista a respeito dos processos de produção social.

As atuais condições de superexploração da classe trabalhadora e os ataques aos direitos sociais, ensejados pelas reformas trabalhistas e previdenciárias de caráter neoliberal, estabelecem um panorama regressivo que em certa medida se assemelha em gravidade à dureza e crueldade das primeiras legislações sobre o trabalho capitalista em sua fase de acumulação primitiva, sobretudo no período imediato ao pós cercamento dos campos na Inglaterra dos séculos XVI e XVII, que à época empurrou milhares de camponeses para a pobreza extrema, mendicância e morte nos subúrbios de Londres e Manchester, conforme descrito por Marx em *O Capital* (Marx, 2013).

Com efeito, na atualidade, no avanço do capitalismo de acumulação flexível, o mercado do trabalho virtual ou real, presencial ou à distância, mediante diferenciados modos de contratação formal ou não formal, via terceirização, pejotização e plataformização, no Brasil e mundo afora, empurra milhões de jovens e adultos trabalhadores para o desemprego e subemprego, na inescapável luta diária pela sobrevivência, submetendo-os a condições de degradação da vida, que autores como Ricardo Antunes (2018) e Ruy Braga (2023) caracterizam como a “servidão voluntária” na constituição do “precariado”. Ou seja, no contexto do trabalho virtual, mediante a

¹ Editorial recebido em 19/07/2026. Aprovado em 21/07/2026. Publicado em 28/07/2026.
DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v24i54.72521>

produção de “infoproletários”, o que realmente ocorre é a degradação do trabalho real (Antunes; Braga, 2009).

São tempos duros, de regressão social, marcados por reformas retrógradas na educação escolar e nas relações de trabalho, como as reformas educacionais, previdenciárias e trabalhistas, que fazem parte do ciclo de reformas neoliberais que a sociedade brasileira vem enfrentando desde o golpe parlamentar-midiático-empresarial de 2016. Assistimos, não sem resistência, ao avanço do empresariamento da educação, viabilizado, entre outras, pelas parcerias e captura dos fundos públicos pelo setor privado. Também são marcas do avanço do neoliberalismo os processos gradativos de expansão da privatização da educação superior, a certificação de saberes em detrimento da Educação de Jovens e Adultos (EJA), o fechamento das escolas do campo, bem como a priorização da EAD, verificadas, por exemplo, na contrarreforma do ensino médio e da educação profissional.

São nestes tempos, em que o poder das armas e do capital busca sufocar e suprimir a resistência e as lutas coletivas dos trabalhadores, que novamente a força e a arma da crítica se fazem imprescindíveis. Essa é a tarefa com a qual busca contribuir a edição 54 da *Revista Trabalho Necessário*, com o número temático “Educação escolar, luta de classe e transformações no mundo *trabalho*”, organizado pelas Profas. Dras. **Adriana D’Agostini**, **Carolina Pichetti Nascimento** e **Nise Jinkings**, do Grupo de Pesquisa Transformações do Mundo do Trabalho (Grupo TMT – UFSC), que este ano completa 30 anos de atividades de pesquisa e extensão.

Na chamada de artigos deste número havíamos enfatizado que as transformações no mundo do trabalho e a precarização da vida da classe trabalhadora nos levam a caracterizar o Século XXI como tempo de barbárie. As guerras, a crescente miséria, a violência, o fortalecimento da direita e da extrema-direita e dos fundamentalismos, nos impõem limites para a reprodução social. As desigualdades sociais ampliadas por políticas seletivas, restritivas voltadas ao projeto educacional do capital, apresentam-se como estratégias de sobrevivência da fase destrutiva do capitalismo, permitindo a elevação da taxa de lucro, custe o que custar. Assinalamos que as transformações nas relações capital-trabalho e trabalho-educação ocorrem em diversos aspectos, como a inversão proporcional entre trabalho morto e trabalho vivo, a automação do trabalho, a flexibilização das jornadas, dos contratos e das formas do

trabalho. Nesse contexto, a escola se mantém como produtora de uma inclusão excludente ou precária e instável, como analisa Algebaile (2009), organizada e legislada de forma gerencialista, focada em aprendizagens flexíveis e fragmentadas, com parcerias público-privadas na lógica da mercantilização da educação, em escolas do campo ou da cidade.

Não por um acaso, ao reconhecer que vivemos em época de barbárie, faz-se mister a reflexão, a denúncia, o vislumbrar a possibilidade de transformação, pautando a necessidade da superação do capitalismo. Por isso, ressaltamos como experiências importantes à luta de classes, os projetos educativos vinculados aos movimentos sociais e sindicais, como contraponto à escola capitalista. A partir dos fundamentos do materialismo histórico-dialético, te convidamos a discutir essas questões.

Diversos autores e autoras responderam ao chamado de artigos, ensaios, resenha, entrevista e demais seções da Revista Trabalho Necessário. Nesse sentido, não será difícil observar que os textos que compõem a TN 54 tratam, exatamente, de situar e analisar as reformas neoliberais da educação e as transformações do mundo do trabalho na perspectiva do acirramento da luta de classes. Nesse contexto, observa-se que a preservação da dinâmica da acumulação capitalista requer a produção psicofísica de sujeitos adaptáveis ao sofrimento, à incerteza e à superexploração. É precisamente com vistas a garantir este macro objetivo do capital, que entram as contrarreformas neoliberais da educação e do trabalho, em um contexto mundial de recrudescimento do imperialismo e do neocolonialismo digital (Faustino; Lippold, 2023). Ou seja, no tempo presente, como em tempos anteriores, a cada crise da dinâmica do sistema de acumulação do valor, o capitalismo busca solução e respostas. A saída incide sempre no estabelecimento de políticas e mecanismos voltados à adaptação dos trabalhadores às novas e acentuadas formas de exploração funcionais, à garantia e elevação da extração da mais-valia relativa ou mesmo absoluta, evidenciando aquilo que Mészáros (2002) diagnosticou como o caráter irreformável do capitalismo e sua persistente caminhada para a barbárie.

Composta por **Daniel Tiriba**, a capa da TN 54 fala por si mesmo. A imagem é de **Samuel Tosta** – fotógrafo-militante que registra a história dos movimentos sociais populares, e que, aqui, nos traz à memória as mobilizações dos profissionais da educação do Rio de Janeiro, ocorridas nos anos 2013 e 2014. Ao fundo, se vê o relógio da Central do Brasil, inaugurado por Getúlio Vargas em 1943, ano em que no

dia 1º de maio foi sancionado o Decreto-Lei 5.452. Ao mesmo tempo que denunciavam, as cruzes anunciam que é internacional a luta da classe trabalhadora.

Agradecemos ao Grupo de Pesquisa TMT/UFSC por mais este número da Revista Trabalho Necessário (TN54). Agradecemos aos autores e autoras, pareceristas, leitores, leitoras e apoiadores/as do GT 09 Trabalho e Educação da Anped. Agradecemos também ao NEDDATE – Núcleo de Estudos, Documentação e Dados sobre Trabalho e Educação, ao Programa de Pós-Graduação e, em particular aos incansáveis trabalhadores e trabalhadoras que “pegam no pesado” no trabalho do dia a dia da Revista Trabalho Necessário. Afinal, conforme a linha editorial de nossa Revista, o trabalho será sempre necessário – tanto no embate prático como embate teórico, na luta por concepções e modos de fazer, pensar e sentir a vida, a sociedade e o mundo.

Um fraterno abraço dos editores/as **Lia Tiriba, Jacqueline Botelho, Adriana Barbosa e Domingos Leite Lima Filho**.

Referências

ALGEBAILLE, Eveline. **Escola pública e pobreza no Brasil**: a ampliação para menos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy (orgs.). **Infoproletários**: degradação real do trabalho virtual. São Paulo: Boitempo, 2009.

BRAGA, Ruy. **A angústia do precariado**: trabalho e solidariedade no capitalismo racial. São Paulo: Boitempo, 2023.

FAUSTINO, D; LIPPOLD, W. **Colonialismo digital**: por uma crítica hacker-fanoniana. São Paulo: Boitempo, 2023.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro 1: O processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. Tradução de Isa Tavares. São Paulo: Boitempo, 2002.